

CULTURA ESCOLAR E MEMÓRIA ESCOLAR: DESAFIOS E PRESSUPOSTOS DA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Maurides Macêdo ¹

Resumo: *Busca-se expor uma reflexão sobre o uso da memória através da oralidade nas pesquisas em História. Na primeira parte fala-se sobre a oralidade como documento, a segunda parte é dedicada à conceituação de memória, a terceira parte versa sobre a memória e suas relações com a História.*

Palavras-chave: *Memória, Educação, História.*

Este texto trata do tema Cultura Escolar e Memória Escolar. Busca-se expor uma reflexão sobre o uso da memória através da oralidade nas pesquisas em História. Na primeira parte fala-se sobre a oralidade como documento, a segunda parte é dedicada à conceituação de memória, a partir das considerações de Bergson e Halbwachs, e a terceira parte versa sobre a memória e suas relações com a História.

1-A MEMÓRIA COMO FONTE HISTÓRICA

A memória, lembrança que sobrevive pela oralidade, é um documento de grande valor para trabalhar a história escolar. Por documento, entende-se tudo o que se apresenta como prova da ex-

¹ Doutora em História pela PUC-SP, Pós-Doutora pela Universidade do Texas, professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

periência humana. Pode ser representado por atas das faculdades, anuários, boletins informativos, relatórios documentos de secretaria, estatutos, leis, Resoluções, Portarias, entre outras formas escritas (BELLOTO, 1991), mas também há formas de outra natureza, como a visual e a sonora. O documento pode ser classificado sob diferentes perspectivas: a da Biblioteconomia, a do Direito e a da Arquivística. Adota-se aqui um conceito da Arquivística: “Documento é todo e qualquer suporte material a que possa ser atribuída, de modo arbitrário, científico ou não, a existência de um conteúdo informacional [...]” (TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE MATO GROSSO, 2010, p. 7.). É composto de duas partes: suporte e conteúdo informacional. O suporte corresponde ao material em que a informação está contida, por exemplo: um papel, um filme, a internet ou uma pintura (GUINCHAR; MENU, 1994) e sua referência serve à classificação dos documentos. Quanto ao gênero, por exemplo, um documento pode ser: textual manuscrito, datilografado, digitado e impresso, cartográfico ou filmográfico. Já o conteúdo informacional é a informação mesma, contida no suporte.

Dependendo do sujeito que lê e de inúmeros fatores históricos e sociais, um mesmo objeto/documento pode ser “lido” (interpretado) de modos diversos e poderão ser atribuídos a ele conteúdos informacionais distintos (MIGUEL, 1993).

No presente texto, interessa falar a respeito de um tipo de documento cujo suporte não é o papel, mas sim a mediação eletrônica, via gravações e/ou filmagens: a documentação oral e suas especificidades.

Para aqueles que trabalham com a oralidade, usando a memória para fazer história, essa metodologia é conhecida como História Oral. Meihy (1996, p.8) a define como “[...] um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes a vida social de pessoas”. Concerne a pessoas dispostas a falar sobre seu passado, sobre a própria experiência como sujeitos da história; logo, só pode ser uma história recente, cujos atores ainda vivem.

Por isso a História Oral é também chamada de História do Tempo Presente ou História Viva, cuja base é o documento gravado ou filmado, ou seja, o suporte eletrônico. Na verdade, nessa metodologia, o historiador utiliza uma técnica, juntamente com os atores da história, para elaborar um documento a ser utilizado em seguida. Utiliza-se um conjunto de procedimentos premeditados com os quais que se inicia o projeto e, principalmente, um conhecimento aprofundado sobre memória e suas relações com a história (THOMPSON, 1992).

Embora a utilização da documentação oral com o uso do gravador para fazer a coleta de depoimentos pessoais tenha se iniciado nos Estados Unidos na década de 1940, e nos anos de 1950 começou a ser utilizada nos meios acadêmicos, somente nos anos 1980 passou a ser frequente no meio acadêmico do Brasil. Ainda assim, só na década de 1990 foi criada uma associação brasileira para utilização desse tipo de documento (MEIHY, 1996).

Na atualidade, a documentação oral é largamente empregada no Brasil por aqueles que trabalham a História do Tempo Presente, porém, pressupõe o desafio de estudar a Memória e suas relações com a História. O pesquisador deve se cercar de muitos cuidados para que não empregue a entrevista apenas como uma técnica e se esqueça de trabalhar a memória e suas mediações.

Os estudos de Bergson (1999), Halbwachs (1990), Thomson (1995), Paul Thompson (1992) e Le Goff (1992) são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa na área da História e, claro, da História da Educação, que usam como fonte de suas pesquisas a entrevista. O teórico que de forma mais direta influenciou os estudos da memória é Maurice Halbwachs (1990). Seu estudo tem como pedra angular a teoria elaborada anteriormente por Bergson. Este, porém, apenas se preocupou em enten-

der as relações entre a conservação do passado e sua articulação com o presente, entre a percepção e a correspondência com os vários níveis da memória (BERGSON, 1999), como apresentaremos a seguir.

2. MEMÓRIA

Existem duas memórias descritas por Bergson (1999): a memória hábito, que se dá pela exigência da socialização (por repetição de gestos e palavras), e a imagem-lembrança, que diz respeito a um momento único, com data certa, não repetido e irreversível, referente a uma situação definida, individualizada. Da discussão entre memória e inconsciente, o autor levanta a sua questão central: a espontaneidade e a liberdade da memória em oposição aos esquemas mecanicistas que a alojam em algum “canto escuro” do cérebro. Para Bergson (1990), a memória, não pressupõe movimento, é uma conservação do passado. A seu ver, ela poderia trazer deste todo seu frescor. Como corrobora Bosi (1979), o passado sobrevive, quer chamado pelo presente, sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente.

Bergson não se preocupa em estabelecer uma relação da memória e das lembranças com as mediações do presente, muito menos com os quadros sociais do sujeito histórico que memoriza. A memória não é por ele tratada como fenômeno social, diferentemente de Halbwachs (1990).

O grande mérito de Halbwachs foi prolongar os estudos de Bergson e também de Durkheim ao desenvolver uma teoria psicossocial que estuda as relações entre memória e história pública. Halbwachs (1990) estuda “os quadros sociais da memória”, e não a memória como tal. Por isso, fundamental para quem reconstrói o passado por meio da oralidade é a reflexão desse estudioso sobre a memória do indivíduo, memória que depende do relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, ou seja, com grupos de convívio e referência.

Halbwachs (1990) relativiza o princípio, formulado por Bergson, de que o espírito conserva em si o passado na sua inteireza e autonomia e realçou a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. Para ele, a memória não tem caráter livre e espontâneo. Ao trabalhar o conceito de *reconstrução do passado*, diferencia-se completamente de Bergson.

Para Halbwachs (1990), lembrar não é reviver, na maior parte das vezes, mas refazer, *reconstruir*, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à disposição. Para ele, o simples fato de, no presente, lembrar o passado, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro tempo, por isso haveria diferença em termos de ponto de vista. A memória não é sonho, mas trabalho. Tal concepção se opõe à “lembrança” de Bergson, conceituada como conservação do passado, em que o adulto mantém intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância (HALBWACHS, 1990).

Com referência ao processo da *releitura e reconstrução do passado*, Halbwachs (1990) explica que a diferença entre as duas está no teor das ideias e das reflexões sugeridas pela nova leitura. Qualquer leitor adulto, ocupado involuntariamente em reparar e criticar os modos de proceder do autor, entremeia às suas reflexões a percepção das imagens relidas. Assim, o convívio de lembranças e críticas altera profundamente a qualidade da segunda leitura, que, por essa razão, “re-faz” a experiência da primeira. Nas palavras do autor:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bastante alterada (HALBWACHS, 1990, p.71).

Outro conceito importante desenvolvido por Habwachs (1990) é o de *memória coletiva*, e neste mais uma vez se opõe a Bergson. Habwachs (1990) conectou a memória da pessoa à memória do grupo (coletiva de cada sociedade) e a discussão sobre a substância social da memória abriu caminho para reflexões acerca da história.

3. MEMÓRIA E SUAS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA

A partir do que Habwachs teorizou sobre *memória coletiva*, algumas perguntas desafiam o pesquisador: é possível recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente a memória? A memória coletiva daria conta da explicação de todos os fatos de lembrança, mormente do que chamamos de memória individual?

Quando aborda as relações entre *memória individual* e *memória coletiva*, e não apenas o indivíduo como testemunha, Habwachs (1990) assegura que esta última memória se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, a que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, o indivíduo sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação com eles. Entretanto, por muito que deva à *memória coletiva*, é o indivíduo quem recorda. Ele é o memorizador e, das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, para ele e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.

Assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. O grupo é suporte da memória caso o indivíduo se identifique com ele e faça desse “nosso” o seu passado (HALBWACHS, 1990),

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós tivemos envolvidos e com objetos que só

nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p.26).

De outro lado, vários fatores interferem na memória, como o lugar que alguém ocupa na consideração do grupo de convivência, em que há desigualdade de pontos de vista ou repartição desigual de apreço. As lembranças grupais se apoiam umas nas outras, formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver à memória grupal.

Para Halbwachs (1990), o indivíduo participa de espécies de memória - a coletiva e a individual, ou seja, uma interior (memória pessoal) e outra exterior (memória social). Em suas palavras:

Seria o caso, então, de distinguir entre duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, há uma interior ou interna, a outra exterior; ou então uma memória pessoal, a outra social... Se entendermos que conhecemos nossa memória pessoal somente do interior, e a memória coletiva do exterior, haverá com efeito entre uma e outra um vivo contraste (HALBWACHS, 1990, p. 55).

Muito importante para esse historiador é a diferenciação entre História e Memória. No início do século, quando escreveu sua obra, a História era marcadamente positivista, por isso ele disse que esta era resumida e esquemática, ao passo que a memória apresenta um quadro bem mais contínuo e denso. A seu ver, “a História assemelha-se a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas” (HALBWACHS, 1990, p. 89), e não é na história apreendida, mas na vivida, que se apoia a memória.

A memória coletiva não se confunde com a História e a expressão “memória histórica”, para Halbwachs, não é boa, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A História

seria a compilação dos fatos e personagens que ocuparam maior espaço na memória dos homens (HALBWACHS, 1990, p. 80); ela distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos, dividindo a sequência dos séculos em períodos, ao passo que a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou que é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Em suma, a História é um quadro de acontecimentos; as memórias coletivas, o centro de tradições (HALBWACHS, 1990).

Esse historiador também traz uma discussão sobre *memória e tempo* e sobre *memória e espaço* que permite uma ótima compreensão da reconstrução do passado. Da mesma forma com que diferencia *memória individual* e *memória coletiva*, ele diferencia *tempo social* e *tempo individual*: o primeiro absorve o último, que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o do escritório, entre outros, e assim, em meios diferentes, o tempo não corre com a mesma exatidão; o *tempo social* é exterior às durações vividas pela consciência. Halbwachs (1990, p.91) adverte que há uma interação entre memória individual (consciência) e memória coletiva (tempo e espaço).

A partir de Halbwachs, destacam-se dois outros autores afins que comparecem e contribuem com os estudos sobre memória: Ecléa Bosi e Alistair Thomson, cujos trabalhos (BOSI, 1979; THOMSON, 1997) aqui são apontados de forma breve.

Ecléa Bosi, quando estuda a memória de idosos, o faz na perspectiva da memória social de Halbwachs, de quem é seguidora e comentadora. Ela verifica uma história social bem desenvolvida nas pessoas idosas, uma vez que atravessaram um tipo de sociedade de características bem marcadas e conhecidas e já viveram quadros de referência familiar e cultural. Suas memórias podem ser desenhadas sob um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem ou adulta, que, de algum

modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente (BOSI, 1979).

Para a autora supracitada, o adulto ativo tem uma vida prática e a memória dele é fuga, arte, lazer ou contemplação. Já o idoso viveu sua vida; ao lembrar o passado, não está descansando das lides cotidianas nem se entregando fugitivamente às delícias do sonho, mas se ocupando, consciente e atentamente, do próprio passado, da substância mesma da sua vida. No momento da velhice social, resta-lhe lembrar e ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1979).

Alistair Thomson (1997), por sua vez, com seu conceito de *composição do passado*, amplia a discussão de Halbwachs e discute como recordar é uma forma de identificação para aquele que narra uma história:

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. As reminiscências são passados importantes que **compomos** para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida (THOMSON, 1997, p. 57, grifo do autor).

CONSIDERAÇÕES E DESAFIOS PARA O PESQUISADOR

O estudo de Maurice Halbwachs e os de outros teóricos sobre a memória permitem repensar a metodologia de investigação de quem decide trabalhar com a História Oral.

O contato com a documentação oral pode servir para preencher lacunas deixadas pelas fontes escritas, mas também para propiciar um diálogo mais aberto e dinâmico voltado à compreensão do significado dos fatos na vida dos sujeitos. Assim, permi-

te construir um discurso histórico mais consistente não só de informações, mas também de percepções, emoções e significados.

É necessário trabalhar a memória percebendo-a como uma reconstrução do passado, carregada de emoções e vivências. Quando se trabalha com esse tipo de documento, a reflexão e a narrativa histórica norteiam-se pela memória de alguns sujeitos, dentre os muitos que construíram a história em um determinado lugar e espaço. Portanto, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não devem ser voltadas só para a checagem das informações e busca de elementos para confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. A preocupação central deve ser discutir a memória, para entender as percepções que os sujeitos têm de seu passado, inclusive vendo as suas “distorções” como um recurso, e não um entrave. Afinal, quando se trabalha com História Oral, “[...] o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes” (FERREIRA, 1995).

Dado que aqui se compartilha das ideias daqueles que pensam a História como construção dos homens, defende-se que é necessário procurar conhecer interpretações de sujeitos comuns que viveram e construíram episódios de um lugar e de um certo tempo, com toda a experiência humana, ainda que esses sujeitos sejam marginalizados, excluídos ou pertencentes a minorias. É muito importante saber explorar a riqueza da subjetividade dos depoimentos, apreender o significado que os fatos tiveram para os narradores, entender como eles os interpretam e explorar a diversidade das interpretações, trabalhar as diferenças e as contradições contidas nas narrativas. É de suma importância buscar as múltiplas vozes que expressam, de diferentes maneiras, um mesmo fato pensado e vivido por determinados grupos de pessoas que compartilharam de uma mesma experiência.

Importa trabalhar sabendo que a memória se transforma com o tempo, pelas experiências dos sujeitos e das circunstâncias presentes. É o que Thomson (1995, p.6) chama de *composi-*

ção: analisar a memória buscando entender atentamente como ela se compõe; ler, através dela, os significados atribuídos às experiências e aos sentimentos que cada sujeito viveu dentro do grupo.

No trabalho com a memória escolar e com a cultura escolar, quando se trabalha com essa metodologia, são recolhidas palavras e sentimentos daqueles que compartilharam uma história em um espaço educacional e é feito um confronto entre o que as várias memórias justapostas têm em comum e o que as memórias pessoais detêm para, a partir daí, buscar o entendimento dos significados dos fatos para os sujeitos que os viveram.

Este texto foi preparado para apresentação em seminário (Seminário Integrado de Pesquisa em Educação, da PUC Goiás), por isso se apresenta sucinto.

Há que se lembrar, todavia, que não é simples optar pela metodologia da História Oral, pelo contrário; há que se debruçar sobre ela com os cuidados necessários, que vão desde a discussão das técnicas até o domínio da teoria sobre memória e suas relações com a história. Só assim se consegue uma pesquisa com excelência.

SCHOOL CULTURE AND SCHOOL MEMORY: CHALLENGES AND ASSUMPTIONS OF RESEARCH IN HISTORY OF EDUCATION

Abstract: *My purpose is to provide a reflection of history from an individual's evolving memory that is influenced by time and experience; the second part is dedicated to the concept of memory; the third part deals with the relationship between personal memory and the view of history.*

Keywords: *Memory, Education, History.*

REFERÊNCIAS

- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A.Queiroz, 1991.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória de velhos*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1994
- GUINCHAR, Clarice; MENU, Michel. *Introdução geral à ciência da informação e documentação*. Brasília: IBCT, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A fotografia como documento: uma instigação à leitura. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.6, n.1-2, p. 121-132, jan-dez. 1993.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- THOMSON, Alistair. Descobrimo a Memória: questões sobre as relações da história e da recordação. Tradução de Simone Geraldês. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL - HISTÓRIA ORAL E ÉTICA. 1995. São Paulo. *Anais* São Paulo:PUC, 1995. Mimeo.
- TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE MATO GROSSO. *Manual de gestão arquivística*. Cuiabá: O Tribunal, 2010.